

Anedotário de Martins Fontes

19/02/95

Nair Lacerda
Colaboradora

Tenho um correspondente, amigo de relembrar coisas do passado, pessoa dotada de excelente memória e que conta coisas de maneira bastante pitoresca. Numa de suas cartas, conta-me ele algumas passagens referentes a Martins Fontes, não sem antes expressar sua indignação pelo fato de ter a Prefeitura de São Paulo dado o nome do poeta a uma rua bastante central, mas obstando placas que diziam "Martins Fontes", coisa que assim se conservou durante muito tempo, antes que dessem pelo engano.

Um irmão do meu correspondente era almoxarife da Companhia Construtora de Santos, da qual "o doutor Fontes era médico atencioso, bondoso para com os humildes operários. Diariamente, a certa hora, vinha o dr. Fontes ao consultório médico da Companhia Construtora, então localizada à Rua Monsenhor Paula Rodrigues, esquina da Rua Paraná". E o meu correspondente comenta, entre parênteses: "aliás, foi esse o primeiro prédio de cimento armado construído em Santos, pela Compa-

nhia Construtora". Nesse prédio, residia o irmão do meu correspondente e, na sala vizinha, ficava o consultório de Martins Fontes. "Quando o bom médico chegava, era de se ver a satisfação dos trabalhadores. Os mais afoitos solicitavam-lhe um versinho, e aquilo era num repente. A todos, sem distinção, tirava o chapéu, e cumprimentava. Cumprimentos à esquerda e à direita... O médico era estimado pela grandeza de coração deque era dotado..."

Acontece, entretanto, que um belo dia apresentou-se ao exame médico um reforçado lusitano, com fortes dores no peito. "Após cuidadoso exame", prossegue meu correspondente, "o doutor deitou-o e aplicou-lhe duas ventosas. E lá ficou o doente deitado, aguardando a volta do dr. Fontes, que foi atender, em outra sala, a outros operários da firma".

A coisa, porém, não parou por ali, para o infeliz lusitano. Seriam mais ou menos seis horas da tarde quando um funcionário, o sr. Ribeiro, indo fechar as janelas do consultório médi-

co, "dá de cara com o coitado do lusitano, de olhos esbugalhados, pálido, as duas ventosas repletas de sangue, mal podendo falar, e, acenando com as mãos, a pedir que o tirassem dali".

No mesmo momento, viu o sr. Ribeiro que Martins Fontes esquecera completamente o homem das ventosas e, de imediato, telefonou ao médico, a essa altura em seu próprio consultório. É então que visualizamos perfeitamente a cena, contada pelo meu correspondente: "Do outro lado da linha, desesperado, como a querer esticar os braços para tomar ele mesmo as providências, o doutor Fontes gritava: "Ribeiro, Ribeiro, pelo amor de Deus, retire as ventosas!" E dentro de minutos ali aparecia aflito, correndo apressadamente para a sala. Chegou a tempo de salvar o homem que por uma fatalidade esquecera no consultório. Tratou-o com todo o desvelo, como se ele fosse um dos seus, e, a seguir, em seu próprio carro, levou o operário para casa.

Outro caso contado pelo meu correspondente: um dia,

viendo numa página de um jornal de Santos a reprodução de uma fotografia do dr. Silvério Fontes, pai de Martins Fontes, e sabendo quanto seu irmão estimava o poeta e quanto o poeta amava o pai, disse-lhe meu correspondente que havia uma fábrica de ladrilhos onde os operários, nas horas de folga, divertiam-se a reproduzir fotos de artistas de sua predileção nos ladrilhos que faziam. Seu irmão recortou a fotografia do dr. Silvério e levou-a à fábrica em questão, obtendo o trabalho desejado. "Deixou-o, então, sobre a escrivaninha do dr. Fontes e, quando este chegou e viu a fotografia do pai, não se conteve: tomou-a nas mãos, beijou-a, os olhos cheios de lágrimas. E isso fazia diariamente, ao chegar ao seu consultório".

E o sr. Luiz Palmieri, meu interessante correspondente, remata: "Conheço estes e muitos outros pequenos e interessantes fatos da vida do humanitário médico santista, autor de *O Verão*, falecido em pleno inverno.

Realmente, é destino dos homens de espírito ingressarem no anedotário popular.